



## O USO DAS FONTES HISTÓRICAS NA SALA DE AULA: A REALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO-ESCOLAR

*Camila Karin Manosso<sup>1</sup>, Vivian Fernandes Carvalho de Almeida<sup>2</sup>.*

**RESUMO:** O presente artigo buscou discutir o uso das fontes históricas na sala de aula e apresentar os efeitos e a incorporação que a chamada “Revolução Documental” proporcionou ao ensino de História. A análise absteve-se em discutir como a historiografia contemporânea favoreceu a produção do conhecimento histórico-escolar, inserindo-se, portanto, a crítica ao ensino tradicionalista. O fulcro deste trabalho foi adequar alternativas didático-pedagógicas que incluíssem a possibilidade de usar, no dia-a-dia da sala de aula, fontes e documentos historiográficos amplamente condicionados aos pesquisadores e historiadores. Para tanto realizamos uma pesquisa bibliográfica no qual destacamos as duas principais obras que fundamentaram a temática do presente trabalho: *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*, de Circe Maria Fernandes Bitencourt e *Fundamentos Epistemológicos do Ensino de História e Geografia*, de Vivian Fernandes Carvalho de Almeida e Ricardo Lopes Fonseca. Assim, a base desta pesquisa foi evidenciar como a utilização dos documentos históricos pode angariar um melhor aprendizado aos discentes, provando deste modo que, o Ensino de História pode ser prazeroso e interessante àqueles que têm a oportunidade de conhecê-lo verdadeiramente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de História; Fontes e/ou documentos historiográficos; Sala de aula.

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo analisará a utilização de fontes historiográficas dentro da sala de aula como base para produção do conhecimento histórico-escolar. Esta temática busca refletir sobre os efeitos sistêmicos provocados pelo uso da chamada “Revolução Documental” adjacente da *Escola dos Annales* (Século XX). Assim, o objetivo de nosso trabalho é apresentar como essa ampliação documental, contribui para o ensino de História.

Não há como negar que, muito do que foi ensinado nas escolas e na disciplina de História esteve pautado na herança positivista inaugurada por August Comte<sup>3</sup>, onde o que era ensinado estava intrinsecamente baseado na utilização de fontes e materiais historiográficos de documentos ditos “oficiais”, como documentos de governos e de cunho administrativo. Se por um lado o Positivismo hoje é rejeitado como metodologia de ensino pelos historiadores, por outro vivemos uma realidade prática inundada pelos preceitos historiográficos da *Escola dos Annales*.

Nascida na primeira metade do século XX a *Escola dos Annales* revolucionou a compreensão dos fatos históricos a partir de suas fontes. A partir de 1930 Lucien Febvre e Marc Bloch<sup>4</sup> substituíram as visões, antes breves da História, por análises de longa duração, com o objetivo de compreender melhor as civilizações humanas e as suas “mentalidades”.

Assim, o presente trabalho propõe como possibilidade ao professor de História, metodologias que incluam o uso desta gama de fontes, que os *Annales* proporcionaram, com as quais alunos e pesquisadores criem relatos sobre o passado. Queremos deste modo, aproximar o trabalho de pesquisa do professor de História com os alunos; propondo dinamizar as aulas “enfadonhas” de História e aguçar a metodologia de análise de cada discente.

### 2 MATERIAL E MÉTODOS

Para estas constatações no presente artigo: como as fontes historiográficas inserem-se como proposta didático-pedagógica, retrataremos ao longo deste trabalho a utilização de algumas “categorias documentais”, junto

<sup>1</sup> Orientanda. Graduada e Licenciada pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM 2013). Atualmente é Tutora Online do Departamento de História do Núcleo de Educação a Distância – NEAD pela Unicesumar – Centro Universitário Cesumar.

<sup>2</sup> Orientadora. Graduada e Licenciada pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Maringá (UEM 2012), Mestre em História das Ideias e Instituições, Pós-Graduada pela Universidade Unicentro em Gestão Escolar (2015). Atualmente é Tutora Mediadora do Departamento de História do Núcleo de Educação à Distância – NEAD pela Unicesumar – Centro Universitário Cesumar.

<sup>3</sup> Auguste Comte (1798-1857): filósofo francês que criou a corrente de pensamento chamado “Positivismo”; sua teoria tinha como propósito designar um modelo ideal de sociedade organizada. O pensamento positivista teve muitos adeptos e influenciou o pensamento de teóricos por todo o mundo durante o século (XIX). Disponível em: <[http://www.e-biografias.net/auguste\\_comte/](http://www.e-biografias.net/auguste_comte/)>. Acesso em: 02 jul. 2015.

<sup>4</sup> Fundadores da Escola dos Annales; tinham como propósito ir contra a visão positivista da história entendida como uma crônica de acontecimentos, substituindo o tempo breve da história dos acontecimentos pelos processos de longa duração, com o objetivo de tornar inteligíveis a civilização e as “mentalidades”. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=53>> . Acesso em: 02 jul. 2015.



aos procedimentos teóricos metodológicos que podem ser úteis na sala de aula; fontes que são inerentes ao passado, mas também à atualidade, são elas: as *imagéticas*, as *literárias* e as *cinematográficas*. Para tanto, a análise metodológica aplicada, tem como base a revisão bibliográfica de obras que contemplam tal temática acerca do que será discutido, bem como autores perpendiculares que sistematizam o assunto exposto. Assim sendo, a análise deste trabalho foi embasada nas principais obras que tratam sobre o assunto discutido, são elas: *Metodologia do Ensino de História e Geografia: Fundamentos Epistemológicos da História*, de José Antônio Vasconcelos; *Metodologia do Ensino de História e Geografia: O Ensino de História e suas Linguagens*, de Armando João Dalla Costa; *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*, de Circe Maria Fernandes Bitencourt; *Fundamentos Epistemológicos do Ensino de História e Geografia*, de Vivian Fernandes Carvalho de Almeida e Ricardo Lopes Fonseca; além desses títulos algumas outras bibliografias foram utilizadas para complementar o embasamento teórico desses autores citados. Ademais, para fundamentar esta análise acerca da utilização das fontes historiográficas enquanto materiais didáticos em sala de aula, apresentamos uma avaliação crítica ao Livro Didático: *História 3 de Ronaldo Vainfas*, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos, onde apontamos os documentos presentes neste material e como os mesmos são abordados a fim de contribuir com o aprendizado do discente e auxiliar o docente em sua prática de ensino.

### 3 O USO DE FONTES E DOCUMENTOS HISTÓRICOS EM SALA DE AULA

A reformulação do uso das fontes propostas pela *Escola dos Annales* agregou nova perspectiva à pesquisa histórica e, conseqüentemente, proporcionou ao professor/historiador maior possibilidade de trabalhar assuntos de variados temas em suas aulas. À vista disso, a utilização das fontes no ambiente escolar busca demonstrar qual é o objeto de estudo que o historiador possui para interpretar o passado da humanidade. Mais do que isso, os documentos durante a aula evidenciam que, as fontes históricas são para o historiador o material concreto que reproduz os acontecimentos históricos. Analogicamente, a fonte seria, para nós estudiosos da área, como o barro para o artista, que manipula em suas mãos uma representação ínfima do que ele mesmo está envolvido,

As justificativas para a utilização de documentos nas aulas de História são várias e não muito recentes. Muitos professores que os utilizam consideram-nos um instrumento pedagógico eficiente e insubstituível, por possibilitar o contato com o “real”, com as situações concretas de um passado abstrato, ou por favorecer o desenvolvimento intelectual dos alunos, em substituição de uma forma pedagógica limitada à simples acumulação de fatos de uma história linear e global elaborada pelos manuais didáticos (BITTENCOURT, 2011, p.327).

Nesta perspectiva, o professor deve ser o mediador em sala de aula, visto que ao ensinar História o mesmo não produz um novo conhecimento, tampouco desvenda novas fórmulas que compilam o passado, mas sim, transmite sua própria interpretação dos fatos de determinados conteúdos com base teórico-metodológica apreendida por ele na academia,

Os documentos tornam-se importantes como um investimento ao mesmo tempo afetivo e intelectual no processo de aprendizagem, mas seu uso será equivocado caso se pretenda que o aluno se transforme em um “pequeno historiador”, uma vez que, para os historiadores, os documentos têm outra finalidade, que não pode ser confundida com a situação de ensino de História. Para eles, os documentos são fonte principal de seu ofício, a matéria-prima por intermédio da qual escrevem a história. [...] (BITTENCOURT, 2011, p.328).

Assim, o uso de fontes históricas dentro do aprendizado demonstra didaticamente ao aluno que a História é feita de vestígios pelos quais o homem do passado viveu em sociedade dentro de um determinado tempo e espaço que, caberá ao professor/historiador indagar em suas aulas. A respeito, Almeida explica,

[...] o fato do historiador, ao se debruçar sobre uma fonte, já possuir conhecimento histórico sobre o período ao qual o documento pertence ou se refere, bem como dominar conceitos, teorias e métodos para a análise do mesmo. Situação contrária ao da sala de aula, na qual o aluno não tem domínio de nenhuma destas categorias (ALMEIDA, 2014, p. 50).

O tratamento da temática “O uso das fontes históricas em sala de aula” exprime as principais relações da discussão historiográfica acerca do que se entende por história enquanto ciência dos fatos e contextos particulares do passado transmitidos em forma de narrativas. Não obstante, é a reflexão metodológica dos



acontecimentos sobre a natureza e a sua importância enquanto teoria do passado. Porque, a história mesmo que seja uma disciplina escolar que contextualiza a sociedade e a ação humana neste meio, prescindir de um estreito diálogo com a teoria que a rege, neste caso é a história acadêmica que, sistematiza-se com a sua ciência de referência. Portanto, o processo de formação profissional do historiador está intricadamente relacionado à docência – a docência é o seu espaço no qual não se desvincula do seu legado acadêmico.

Logo, os princípios, fundamentos e métodos que regem a História enquanto conhecimento científico nas universidades deve ser explorado no ambiente escolar, propriamente no tocante da sala de aula. Isto não significa que haja uma dependência do ensino acadêmico ao escolar, mas que em conjunto promovam o dinamismo durante as aulas de nível fundamental e médio, havendo, portanto, a interlocução da História ensinada na academia com a ensinada no ambiente escolar,

Ou seja, o professor deve conciliar duas vocações, como explicou Jörn Rüsen (2007, p. 90), “a da especialização, que adquire (com muito esforço) durante seus estudos, e a de ensinar, a pedagógica, sem a qual (pode-se supor) não conseguirá ter sucesso no ensino de sua especialidade” (SEULE; 2014, p. 23).

Contudo, é sabido que, este ensino – das universidades e das escolas, possui suas singularidades metodológicas, mas isto não significa que o ensino historiográfico acadêmico deva ser abandonado quando o historiador se depara com o ensino básico e passa ser o professor, ou seja, o protagonista do conhecimento primário do passado. Pelo contrário, a ruptura entre a pesquisa e o ensino, ou entre a escola e a universidade não deve ocorrer, pois o historiador/professor não se desvincula da sua função, mas, sobretudo, leva à sociedade a luz do conhecimento histórico humano. O que ocorre é, introduzir os documentos em sala de aula de maneira adequada, visto que os referenciais e objetivos destes na universidade se diferem aos da sala de aula,

[...]. Ao usar um documento transformando em fonte de pesquisa, o historiador parte, portanto, de referências e de objetivos muito diferentes aos de uma situação em sala de aula. As diferenças são marcantes, e disso decorrem os cuidados que o professor precisa ter para transformar “documentos” em materiais didáticos. (BITTENCOURT, 2011, p.329).

Dado o exposto, os documentos que são utilizados em sala de aula devem ser tratados como materiais didáticos a fim de contribuir com o conhecimento do aluno e não atrapalhá-lo neste processo. As fontes históricas são utilizadas, portanto, diferentemente da abordagem acadêmica, são desenvolvidas com o propósito de aprendizado histórico, desenvolvendo, por conseguinte, a autonomia intelectual do aluno e não para serem analisadas como produção historiográfica; os alunos devem aprender com os documentos e não produzir um novo conhecimento histórico sobre o material,

O professor traça objetivos que não visam à produção de um texto historiográfico inédito ou a interpretação renovada de antigos acontecimentos, com o uso de novas fontes. As fontes históricas em sala de aula são utilizadas diferentemente. Os jovens e as crianças estão “aprendendo História” e não dominam o contexto histórico em que o documento foi produzido, o que exige sempre a atenção ao momento propício de introduzi-lo como material didático e à escolha dos tipos adequados ao nível e às condições de escolarização dos alunos. (BITTENCOURT, 2011, p.329).

Levando-se em consideração essas singularidades, os documentos podem ser utilizados em sala de aula de diferentes maneiras, como apenas para ilustrar o conteúdo programático, para explicitar uma situação histórica, ou para servir de introdução ao tema de estudo. Os objetivos do uso de fontes historiográficas em sala de aula são bastante diversos, dessa forma, o desafio não é escolher quais serão as fontes utilizadas, mas sim saber como utilizá-las corretamente, conforme observa Almeida,

Atente-se ao fato de que assim como nas mãos do historiador, a fonte pode oferecer muitas repostas e ser utilizada de várias maneiras, para o professor também pode ser versátil e complementar os conteúdos didáticos. Um dos desafios do professor em sala é ter critérios quando for selecioná-los (ALMEIDA 2014, p. 51).

Dentre as precauções para a escolha e utilização desses materiais em sala de aula, podemos citar, de acordo com Almeida e Fonseca, a “atratividade, o vocabulário, o conteúdo acessível à faixa etária, a extensão primando pelo tempo da aula,” (ALMEIDA, 2014, p. 51), observamos assim que, devemos atentarmo-nos à capacidade intelectual e cognitiva dos alunos em sala de aula e saber se o que será trabalhado é apropriado para eles,



Para que o documento se transforme em material didático significativo e facilitador da compreensão de acontecimentos vividos por diferentes sujeitos em diferentes situações, é importante haver sensibilidade ao sentido que lhe conferimos enquanto *registro do passado*. Nessa condição, convém os alunos perceberem que tais registros e marcas do passado são os mais diversos e encontram-se por toda a parte: em livros, revistas, quadros, músicas, filmes e fotografias. (BITTENCOURT, 2011, p.331).

Sendo assim, o uso de documentos em sala de aula, é fundamentado pelas contribuições que os mesmos fornecem ao desenvolvimento da interpretação histórica; facilitando a compreensão do processo de produção do conhecimento do passado, onde fazem parte da cultura memorial da sociedade e, por isso, precisam ser analisados dentro das suas especificidades. Em suma, conforme Circe Maria Fernandes Bittencourt, ao se transformar o documento histórico em material didático, “deve-se levar em conta a articulação entre os métodos do historiador e os pedagógicos.” (BITTENCOURT, 2011, p.333).

### 3.1 AS IMAGENS COMO LINGUAGEM AO ENSINO DE HISTÓRIA

Em uma época em que todas as informações são associadas às imagens, saber interpretar corretamente as representações visuais tornou-se uma asserção relevante tanto aos acadêmicos de história, quanto aos professores. Então, o estudo voltado à utilização das imagens tem-se constituído como uma importante ferramenta no ensino de História. Mas, o que pode parecer fácil, não é: antes de se utilizar a imagem como uma simples ilustração do conteúdo discutido, ou ainda como um apêndice durante as aulas, o professor/historiador deve compreender esta fonte como parte integrante de um universo visual, onde se constitui de alguns parâmetros ideológicos nas quais foram produzidas. Esta compreensão tem como base entender a iconografia como um importante material para ampliar o conhecimento do aluno acerca do passado, e para que o professor não caia no erro de apenas descrever a imagem como um discurso ideologicamente comprado e difundido pelo senso comum.

Por isso, é notório saber que o uso da imagem, como fonte documental em sala de aula, vai além da simples ilustrações durante as aulas, a sua aplicabilidade escolar deve ser atribuída pelo professor significativamente, havendo uma intencionalidade previamente estipulada pelo docente. Tendo isso claro, a perspectiva do professor deve constituir os seguintes questionamentos: O uso que faço desse instrumento, realmente auxilia o aluno no processo do conhecimento histórico? Este documento visual, realmente se aplica ao conteúdo programático estipulado pela matriz curricular da disciplina? De que forma as imagens que são veiculadas (Livros Didáticos, Revistas, Jornais e Meios de Comunicação em geral) afetam, ou refletem, aspectos da sociedade contemporânea e a do passado?

O historiador, entretanto, almeja identificar o problema dos meios de comunicação não apenas no presente. A necessidade de esclarecer o alcance das transformações provocadas pela tecnologia na produção de imagens favoreceu estudos sobre a produção iconográfica de outros tempos históricos e sobre o modo de a sociedade se relacionar com tais registros (BITTENCOURT, 2011, p.364).

Contudo, as imagens não estão representadas somente em seu uso concreto em sala de aula, elas estão, sobretudo, presentes nos Livros Didáticos da atualidade. As gravuras ou ilustrações têm sido aplicadas, cada vez com mais frequências, como recursos pedagógicos no ensino de história. Hoje, além das imagens dos livros didático-pedagógicos das escolas, há a proliferação das “imagens tecnológicas”, como Bittencourt referencia, e estas também são amplamente difundidas como recurso didático; dentre elas estão: os filmes, a fotografia e as imagens informáticas dos CD-ROMs e *softwares*. Mas, independentemente da origem da imagem, “o problema central que se apresenta para os professores é o tratamento metodológico que esse acervo iconográfico exige [...]” (BITTENCOURT, 2011, p. 360),

A questão posta aqui é que apesar de não termos problemas com o acesso a esse material, temos que como professores, entender o tratamento metodológico que esse acervo iconográfico exige, para que não se mantenha apenas como ilustração durante nossas aulas. Como esse material raramente é produzido com fins didáticos, novamente se faz necessário que nos apropriemos dos métodos de análise dos historiadores e o associemos ou adaptemos à necessidade do ensino de história (ALMEIDA; 2014, p. 56).

Diante disso, ao levar o universo iconográfico para a sala de aula, o professor precisa estabelecer relações com outras fontes, informações estas que apresentem uma leitura contraposta a da imagem, como, por



exemplo, a própria explicação do Livro Didático, para que ele fundamente a gravura contextualizando assim a fonte apresentada.

### 3.2 A LITERATURA COMO DOCUMENTO INTERDISCIPLINAR

Talvez, os romances, poemas e contos são textos que contribuem, pela sua própria natureza, às aulas de Língua Portuguesa, mas na atualidade esses textos literários estão sendo a base de outras disciplinas. Para o ensino de História, o enlace com a literatura é proveitoso, visto que é um meio de introduzir o conhecimento histórico ao aluno sem que a aula se torne repetitiva e maçante. Mas, como trabalhar uma obra literária em sala de aula sem que o professor fuja ao conteúdo da matriz curricular de história?

Tradicionalmente o mundo ocidental difundiu a ideia de que o que tange a literatura é apenas uma ficção, não que não seja, mas infelizmente cultivou-se a relação da literatura com a mentira, ou seja, que a literatura é senão uma banalidade destinada ao ócio da sociedade, levando o discurso literário ao descrédito. Mas esse material em sala de aula pode se tornar uma útil ferramenta nas mãos do docente da disciplina de História.

Contudo, como proceder metodologicamente relacionando a literatura à temática das aulas? Primeiramente, o professor antes de abordar a história, programática dos Livros Didáticos, deve familiarizar o contexto histórico com as obras literárias, introduzindo as obras propriamente literárias, ou trechos que retratem o período a ser analisado. Neste sentido, ao professor delimitar qual será a obra literária utilizada deverá desenvolver junto aos alunos uma contextualização histórica de quem foi o autor e também sobre a fonte abordada. Após esta breve análise, o professor deve esclarecer aos alunos que a obra literária não é, tão somente, a imaginação do autor acerca do tema do livro, mas sim, muitos dos conteúdos intrínsecos ao texto retratam o contexto social e político do período em que foi escrita. Para tanto, o professor deve conduzir esta análise partindo de indagações subsequentes impressas na obra, como: nome do autor; o ano de publicação; o período em que a obra foi escrita é o mesmo em que o autor narra a sua história?; A obra retrata um período anterior ao qual ele viveu?; Em qual contexto histórico a obra foi escrita?; Qual é o tema principal da obra e por que a mesma se insere ao contexto histórico trabalhado?. Em síntese para Circe Maria Fernandes Bittencourt,

Para a História, esse referencial torna-se possível analisar textos literários como documentos de época, cujos autores (os criadores das obras) pertencem a determinado contexto histórico e são portadores de uma cultura exposta em suas criações, seguidores de determinada corrente artística e representantes de seu tempo. Do mesmo modo, as obras, ao ser lidas na época contemporânea – no caso, por alunos – estão impregnadas das muitas leituras que já fizeram sobre elas. [...] (BITTENCOURT, 2011, p. 342).

### 3.3 A CINEMATOGRAFIA NO ENSINO E NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

O uso do filme como proposta didática na sala de aula é outro importante componente para estimular o aprendizado do discente. A cinematografia é uma maneira eficaz de transformar uma aula simplesmente palestrante (oral) em uma aula representativa voltada à interação do aluno à temática trabalhada. Por conseguinte, ao professor exibir um filme como método analógico ao conteúdo, ele estará possibilitando ao discente uma nova interpretação sobre a história, conjugando assim, um novo enriquecimento no cotidiano escolar de cada indivíduo.

No entanto, ao se trabalhar um filme no ambiente escolar, o professor deve fazer uma minuciosa preparação dessa aula junto aos alunos, para que esta prática não se torne, simplesmente, um mero momento de diversão. Assim, com a finalidade do educador não cometer este equívoco, é importante que ele escolha um filme adequado ao conteúdo discutido, bem como, a faixa etária da turma; além disso, é necessário apresentar uma pequena sinopse do tema do filme, como o ano de produção, autores e diretores que o produziram, conforme o autor Armando João Dalla Costa em sua obra Metodologia do Ensino de História e Geografia: O Ensino de História e suas Linguagens; observa,

Antes de iniciar o trabalho com filmes, é necessário tomar uma série de medidas práticas que ajudem a otimizar o trabalho. De início, trata-se de relacionar o próprio filme com o conteúdo da disciplina que está sendo trabalhado, assim como com o plano geral elaborado no início do ano. É preciso que os alunos tenham claro que essa é apenas outra forma de estudar aquele conteúdo histórico, e não uma estratégia do professor para “mata aula”, o que exigirá deles um trabalho de pesquisa, antes de assistir ao filme, e um esforço de trabalho póstumo, para analisar o conteúdo (COSTA, 2011, p. 58).



Nesta perspectiva, o professor deve também deixar claro entre os alunos o conjunto de elementos do filme: sons; vozes; cantos/músicas; ruídos, incluindo a equipe de produção; a direção do filme e não apenas a intenção do diretor no filme, levando em consideração que, a intencionalidade da produção cinematográfica não depende apenas da ideia da direção do filme, mas principalmente, do mercado e ao público ao qual essa produção será vendida. Em síntese,

[...] De forma geral, os estudiosos da área consideram três aspectos fundamentais para a análise de filmes: a) os elementos que compõem conteúdo, como roteiro, direção, fotografia, música e atuação de autores; b) o contexto social e político de produção, incluindo a censura e a própria indústria do cinema; c) a recepção do filme e a recepção da audiência, considerando a influencia crítica e a reação do público segundo idade, sexo, classe e universo de preocupações (BITTENCOURT, 2011, p. 375).

O filme pode ainda ser representado em apenas um trecho, ou seja, o professor pode extrair apenas uma cena, na qual ele considera a mais importante para esclarecer ou exemplificar didaticamente o assunto discutido em sala; este método é uma boa saída quando não se tem muito tempo para discutir os assuntos programáticos durante as aulas,

[...] Uma proposta mais complexa foi apresentada por Carlos Vesentini. Para esse historiador, os filmes podem ser considerados como textos e, nessa condição, podem sofrer recortes e ser representados não integralmente aos alunos, mas apenas as partes que mais interessam ao tema tratado. Esse recurso de criar “excertos cinematográficos” ou mesmo “dossiês cinematográficos” passa por um processo de montagem de “desmontagem do filme” [...] (BITTENCOURT, 2011, p. 377).

Assim, o bojo que compila utilizar a filmografia como base ao ensino de história, sistematiza o ensino de história no que concerne ampliar o conhecimento do alunado, fazendo com que ele entenda e reflita autonomamente sobre os acontecimentos do passado podem ser entendidos pela ótica cinematográfica, que sistematiza a realidade e a ficção ao mesmo tempo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### ANÁLISE DO USO DAS FONTES NO LIVRO DIDÁTICO – Problemas e Possibilidades

A fim de compendiar a análise exposta acerca do uso das fontes como proposta didático-pedagógica ao ensino de história, avaliamos o Livro Didático: História 3 (ed. 2013), de Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos. O objetivo foi mostrar na prática como os documentos são inseridos como metodologia de ensino aos professores e alunos.

Essa pesquisa avaliativa esteve pautada em como os autores deste Livro exploraram o uso das linguagens imagéticas, literárias e cinematográficas. Se os conteúdos propostos utilizaram essas fontes e se este material foi explorado, facilitando assim a compreensão sistêmica do assunto pelo professor, bem como pelo aluno. Para tanto, foi observado a forma com que o corpo do texto se apresenta junto ao uso dessas fontes e se há uma relação concisa entre os argumentos do assunto tratado pelas fontes documentais. O recorte temporal que este Livro contempla é a cronologia histórica do século XX.

Com este propósito, a análise de todos os capítulos (16 capítulos ao todo) foi desenvolvida, de antemão, baseado na relação: aluno; professor e livro. Para tanto, estes três objetos deveriam estar em consonância um ao outro, de tal forma que um interagisse ao outro, para que o ensino de história não se tornasse apenas um relato do passado. Assim, o presente Livro apresenta no decorrer de seus capítulos uma grande gama de imagens e filmes para serem discutidos em sala de aula. Muitas dessas imagens são apenas figurativas e complementam o conteúdo, outras são interpretativas que exige do aluno e professor uma reflexão aprofundada sobre o tema discutido. Já os filmes, são elencados de acordo com o tema abordado, estes também são apenas para ilustrar o assunto que o Livro apresenta.

São várias as fontes expostas (Imagética e Cinematográfica a Literária não é utilizada no Livro), mas em nenhuma delas atribui-se a prática correta de se utilizar essas fontes em sala de aula. Em nenhum dos dezesseis capítulos os autores mencionaram a maneira adequada de se utilizar as imagens e os filmes junto aos alunos, simplesmente expuseram os títulos das obras e documentos como um complemento didático. Para Bittencourt, os Livros Didáticos são veiculados como “serviço de ideologia” e como “perpetuação” de um ensino tradicionalista,

Muito criticados, muitas vezes considerados os culpados pelas mazelas do ensino de História, os livros didáticos são invariavelmente um tema polêmico. Diversas pesquisas



têm revelado que são um instrumento a serviço da ideologia e da perpetuação de um “ensino tradicional”. Entretanto, continuam sendo usados no trabalho diário das escolas em todo o País, [...] (BITTENCOURT, 2011, p. 300).

Isso se explica pelo fato de, o Livro Didático ser um produto cultural: é uma mercadoria fabricada pelo mundo editorial que atende à indústria capitalista do mundo globalizado. Além disso, há uma forte repreensão do Estado que interfere indiretamente na elaboração dos conteúdos escolares veiculados por eles.

Assim, quase sempre, os alunos tomam para si os conteúdos pelos Livros Didáticos como uma verdade absoluta, e neste sentido, as fontes por eles divulgadas acontecem da mesma forma. Todos os filmes e imagens que o Livro História 3 apresenta, se não forem devidamente trabalhadas e analisadas entre os alunos e professores, tornam-se como a projeção da veracidade dos fatos. Portanto, cabe somente ao docente instigar o raciocínio crítico do seu discente e aproveitar o material auxiliar (documentos e fontes) que os Livros oportunizam em suas aulas. Para tanto, entendemos como um avanço a abordagem das novas fontes que os materiais didáticos estão abordando, mas ainda percebemos neles muitos resquícios do ensino positivista, dado que, as fontes apenas ilustram o resumo de cada conteúdo nos capítulos, mas não segmentam a maneira de serem introduzidos em sala de aula.

Enfim, a chamada “Revolução Documental” proposta pela renovação historiográfica, não foi ainda absorvida assiduamente pelos autores dos Livros Didáticos. Dessa forma, percebemos no Livro História 3, de Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos, que a iconografia e a filmografia, mesmo que apareçam em grande parte da obra, são esquecidas como parte integrante do material; o que força o empenho mais efetivo do professor, pois terá grandes problemas de trabalhá-los em sala de aula. O que desperta com essa prática, o desinteresse maciço dos alunos pelo conteúdo explanado, que não sente nenhuma motivação ao folhear as páginas de seu material e se deparar com imagens e propostas de filmes que, não lhes agrega algo novo e interessante ao seu aprendizado.

## 5 CONCLUSÃO

Quando nos reportamos ao assunto que tange ao ensino de história, nos deparamos com duas questões distintas e inerentes à esta temática: a historiografia histórica e o ensino teórico metodológico em sala de aula que, consiste entre outras coisas na relação da aprendizagem do aluno ao conteúdo didático da disciplina. Assim, com o intuito de dinamizar este ensino fadado ao tradicionalismo, o uso de documentos têm se tornado uma importante ferramenta para a produção do conhecimento histórico-escolar.

Dado o exposto, este artigo absteve-se em apresentar as fontes históricas como material didático, evidenciando, contudo, como estes documentos historiográficos podem ser inseridos no ambiente escolar como método eficaz de ensino. Para tanto, foi apresentado ao longo deste trabalho a tendência historiográfica da *Escola dos Annales* que influenciou a produção historiográfica mundial e, por sua vez, o ensino de história. Essa renovação documental apresentou ao historiador/professor novos temas e objetos que angariaram a nova produção do conhecimento do passado. Essa nova tendência promoveu uma “Revolução Documental” onde se destacou a nova gama de fontes a serviço da história, enquanto ciência.

Dentre as mais diversas multiplicidades de fontes e documentos recuperados pelos *Annales*, o presente artigo incumbiu-se de analisar o uso de três fontes como proposta didática em sala de aula, das quais foram: as imagéticas, as literárias e as cinematográficas. Cada uma delas foram retratadas nas especificidades de trabalho compreendidas entre si, ou seja, os documentos imagéticos, os literários e os cinematográficos, foram analisados articuladamente entre os métodos historiográficos e os pedagógicos. Além disso, para cada fonte apresentada havia uma proposta pedagógica, na qual se exemplificava o desenvolvimento do trabalho no âmbito educacional.

Ademais, ainda foi privilegiado nesta temática, “o uso das fontes historiográficas em sala de aula”, a interlocução entre o conceito de fontes que os historiadores se baseiam para interpretar os fatos do passado na academia e o objeto cultural que essas fontes assumem quando são abordadas no ambiente escolar como base para o conhecimento histórico; sem que o conhecimento histórico acadêmico se rompa ao escolar, mas que ambos possam capacitar o indivíduo (aluno) enquanto agente social.

Portanto, com o fim deste trabalho, pode-se afirmar que, a utilização das fontes e documentos em sala de aula, constrói o conhecimento do aluno a partir das suas expressões culturais e simbólicas que o homem criou em determinado período do passado. Assim, as fontes historiográficas no meio escolar permitem que o aluno e o professor desenvolvam novas perspectivas acerca dos objetos, onde aquele conhecimento histórico acabado e cristalizado, pela verdade absoluta dos fatos, passa a ser compreendido como uma nova possibilidade de interpretação; fruto de uma construção social temporal. Enfim, o ensino de história atual revela-se como uma alternativa promissora de pesquisa, onde desafia novas linguagens de ensino instigando a autonomia do aluno, enquanto um agente ativo de sua própria história.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vivian Fernandes Carvalho de. Epistemologia seus Significados e Aplicações. In: ALMEIDA, Vivian Fernandes Carvalho de, FONSECA, Ricardo Lopes. **Fundamentos Epistemológicos do Ensino de História e Geografia**. Maringá-PR.: UniCesumar, 2014.

ALMEIDA, Vivian Fernandes Carvalho de. A Construção do Conhecimento Histórico e a Utilização de Documentos em Sala de Aula. In: ALMEIDA, Vivian Fernandes Carvalho de, FONSECA, Ricardo Lopes. **Fundamentos Epistemológicos do Ensino de História e Geografia**. Maringá-PR.: UniCesumar, 2014.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

COSTA, Armando João Dalla. **Metodologia do Ensino de História e Geografia: O Ensino de História e suas Linguagens**. Curitiba: Ibpex, 2011.

E-BIBLIOGRAFIAS, 27 jan, 2013. Disponível em: <[http://www.e-biografias.net/auguste\\_comte/](http://www.e-biografias.net/auguste_comte/)>. Acesso em: 02 de julho de 2015.

HISTÓRIA E HISTÓRIA, 11 set, 2011. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=53>>. Acesso em: 02 de julho de 2015.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEULE, Karla Katherine de Souza. O Papel do Ensino de História e Geografia na Formação de Professores e Alunos. In: SEULE, Karla Katherine de Souza, FONSECA, Ricardo Lopes. **Práticas do ensino de História e Geografia e suas Linguagens**. Maringá-PR.: UniCesumar, 2014.

ZULATO, Murilo Sanchez. **História, Política e Sociedade**. Maringá-PR.: UniCesumar, 2014.

VAINFAS, Ronaldo; FARIA Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Georgina dos. **História 3 (Ensino Médio)**. 2 ed. São Paulo: Saraiva - Livres Editores, 2013.

VASCONCELOS, José Antonio. **Metodologia do Ensino de História e Geografia: Fundamentos Epistemológicos da História**. Curitiba: Ibpex, 2009.